

“Lá onde eu tava num tinha futuro”: migração sertão – cidade de Sobral 1950 – 1980¹

Maria Antonia Veiga Adrião²

Resumo: Analisamos neste artigo algumas questões que observamos na pesquisa sobre o movimento migratório realizado por agricultores sem posses, moradores do Sertão Norte do Estado do Ceará entre 1950 – 1980, hoje residentes na cidade de Sobral, igualmente situada nessa região. Entrevistamos vinte sete migrantes entre homens e mulheres, porém, trouxemos para examinar o ponto de vista dos migrantes sobre a situação de morador e trabalhador dependente do sistema de propriedade privada da terra, apenas um migrante, que nos ajudou a cogitar através de suas recordações e interpretação do vivido, as pejejas para superar as dificuldades, as insatisfações e as crises entre proprietários e moradores que provocavam deslocamentos. Examinamos também, não a título de comprovação do vivido ou recordado, todavia, para refletirmos sobre essa cultura, um periódico, relatórios censitários e escolares.

Palavras-chave: Migração. Cultura. Trabalho.

Abstract: We analyze in this article some issues that we have observed in our research about the migratory movement carried out by farmers with no possessions, residents of the Northern Sertão of Ceará State, from 1950 to the 1980s, who are today residing in the city of Sobral, also located in the same region. We have interviewed twenty seven migrants, men and women, and we have brought to examine the migrants' point of view on the situation regarding residents' and workers' dependency on a privately owned land system; however, only one migrant helped us to cogitate, through his memories and interpretation of what he had lived, the struggle to overcome the difficulties, the dissatisfactions and crises among owners and residents who were offsets. Besides that, we examine the evidence not to prove what was lived or recorded, but to reflect on this culture, a periodical, the Census, and school reports.

Keywords: Migration. Culture. Labor.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre a experiência de agricultores sem posses, que emigraram para a cidade de Sobral³ entre 1950 – 1980 do XX, e que moravam em povoações

¹ Trabalho apresentado nas VIII Jornadas do GT Mundos do Trabalho – ANPUH-RS: Histórias do Trabalho Escravo, Liberto e Livre e selecionado para integrar o Dossiê História do Trabalho da Revista Aedos. Parte da entrevista que utilizamos neste artigo, e alguns poucos argumentos serviram para compor o texto que nos permitiu participar do *X Encontro Regional Nordeste de História Oral: História oral, Educação e Mídias* que ocorreu de 10 a 13 de agosto 2015, Salvador – Bahia, publicado nos ANAIS com o título: Os Caminhos do Sol: atravessar veredas na cidade escurece a vista (migração sertão – cidade de sobral 1950-1980), p.1-17, disponível em: <http://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1439158347_ARQUIVO_TEXTOPARAANAISOSCAMINHOSDOSOL.pdf>. Não se trata de uma revisão, as questões que exploramos no presente artigo são outras.

² Doutoranda em História na Universidade Federal do Ceará. Contato: mavaadri@hotmail.com.

e cidades adjacentes, todas situadas na região do Sertão Norte do Estado do Ceará⁴. Quando buscamos conhecer, conforme Thompson (1998, p. 54), a “cultura a partir de baixo”, considerando suas narrativas orais. E para isto, realizamos vinte e sete entrevistas em áudio e vídeo divididas em várias sessões, conforme a disponibilidade e disposição dos inquiridos.

Trouxemos para essa análise quatro entrevistas, embora de forma mais acurada apenas o relato de Matias Santos⁵, pelo conflito que ele recorda que ocorreu entre ele e um de seus patrões, oportunidade em que questionou a posse da terra e suas formas de uso. Essa passagem da narrativa desse aposentado é muito interessante, porque nos ajuda a refletir sobre o sistema de propriedade privada da terra dessa região, as formas de exploração do trabalho, a moradia, as pelejas cotidianas, os deslocamentos e os confrontos entre os moradores sem posses e os proprietários. Nesse sentido, cabe uma pergunta que pode parecer um tanto simplória e por outro, pleonástica: como era a convivência entre proprietários e agricultores sem terra dessa região?

Tentaremos responder a essa questão dentro das possibilidades que se apresentam nesse artigo, pensado para nossa participação na *VIII Jornadas do GT Mundos do Trabalho ANPUH Rio Grande do Sul - Histórias do Trabalho Escravo, Liberto e Livre*, que ocorreu em Porto Alegre em outubro de 2015, quando não podemos deixar de observar alguns parâmetros metodológicos ressaltados por estudiosos da história social, e nesse sentido novamente recorremos a Thompson (1998, P. 17), que sugere evitarmos as “generalizações” das práticas sociais, “a não ser que sejam colocadas firmemente dentro de contextos históricos específicos”. O que objetivamos fazer.

Desse modo, é importante ressaltarmos que esses agricultores se dividiam entre pequenos proprietários, posseiros e sem terra, o que criava uma linha divisória quase

³ Os primeiros núcleos urbanos dessa região datam do século XVIII, resultado da colonização das terras banhadas pelo Rio Acaraú, e Sobral desde então concorreu como um dos mais prósperos núcleos, o que procedeu à criação da Vila em 1773, e à cidade em 1841. Segundo Barbosa “[...] o comércio, inicialmente de couro e depois do algodão, definiram, durante o século XVIII, a ocupação do Vale do Acaraú e a constituição do núcleo que viria a ser, mais tarde, a cidade de Sobral.” (Barbosa; A Fazenda Caiçara e o Curato de Nossa senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú. In: BARBOSA, M. E. J.; (et al.). *Sobral: Patrimônio Nacional*. Prefeitura Municipal de Sobral, 2000, p. 17).

⁴ Grosso modo, estamos denominando a região por onde circularam os agricultores de Sertão Norte do Estado do Ceará; considerando que a maioria dos migrantes nomeou de *Sertão*, os espaços onde nasceu e ou morou. Geograficamente falando compreende três áreas distintas: parte do Litoral, as Serras da Ibiapaba, Uruburetama, Alcântaras, Meruoca e Rosário, e o Sertão. Motivo pelo qual seu bioma a caatinga, é tão diversificado, e a temperatura varia entre 37 e 16 graus. A cidade de Sobral encravada no sertão; localiza-se próxima às serras e ao litoral.

⁵ Informações fornecidas por Manuel Matias dos Santos. Entrevistas 1 e 2 gravadas em audiovisual (set. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2013. 2 arquivos gravados posteriormente em DVD-R (80m), (um para a pesquisa, outro ao informante), transcrição manuscrita, arquivo da autora. A primeira entrevista gravada com Sr. Matias ficou incompleta por imprevisto familiar, quando retomamos no dia seguinte.

imperceptível culturalmente falando entre eles, porém, relevante; não somente porque contribuía para caracteriza-los entre moradores de suas próprias terras, ou das terras dos patrões, mas porque isso modificava suas relações com a economia doméstica e com a cidade, porquanto, muitos comercializavam parte de suas produções no mercado público de Sobral.

Esse grupo abrangia também aqueles que plantavam roçados em terras alheias em regime de “parceria”, (meeiro, ou outra forma de pagamento da terra), todavia, moravam em seus domínios em povoações ou vilas rurais, criando animais de pequeno porte (aves, porcos entre outros), e cultivando frutas, verduras e até legumes (feijão, milho, mandioca) quando era possível. Dessa forma, um agricultor podia plantar em terras de outrem e morar em sua propriedade. De todo modo, essas diferenças colaboraram na afirmação na cidade de Sobral, porque alguns já conheciam essa urbe desde crianças acompanhando pais e irmãos que vinham negociar gêneros de suas produções domésticas. (informação verbal)⁶.

Conquanto, a ideia de estudar o movimento migratório que ocorreu nessa região tendo a cidade de Sobral como destino; realizado por agricultores hoje aposentados e que moravam na circunvizinhança dessa urbe, considerando os relatos de suas experiências, inclusive o período temporal 1950-1980, nasceu primeiramente da vontade de investigar a dinâmica desse deslocamento populacional.

Isto porque na pesquisa de Mestrado (Recife, 2002), entrevistamos 63 agricultores aposentados, moradores de uma comunidade agrícola situada nessa região, que apresentaram como característica cultural a mobilidade pela zona rural desse território cearense, dessa forma, refutando a possibilidade de morarem em um centro urbano, mesmo os mais próximos e menores que compunham essa região do Estado por onde se deslocavam. No entanto, muitos dos chefes de famílias já conheciam Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Fortaleza (capital do Estado), aonde haviam ido a passeio visitar filhos que ali residiam.

Experiência que acreditamos, corroborava com a ojeriza que nutriam das cidades, quando refletimos com Williams (1990) sobre a ambivalência entre “O Campo e a Cidade”, porque constatamos a ideia de cidade conjugada às experiências negativas nesses grandes centros urbanos, sopesando que vislumbravam a cidade tão-somente na chegada e na saída, e assim, formulavam uma ideia de grandeza, associada à violência, confinados que ficavam às

⁶Informações fornecidas por João Emílio Vasconcelos. Entrevistas 2 gravada em audiovisual (mar. 2014). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2014. 2 arquivos gravados posteriormente em DVD-R (60m), (um para a pesquisa, outro ao informante), transcrição manuscrita, arquivo da autora. João Emílio 75 anos emigrou na seca de 1958 com pais e irmãos, recorda que “[...] quando não tinha lua, descia aquela ladeira com uma luz, pegava o baixo, aí a gente vinha pra cá pra Sobral de comboio, [...] quando vendia a mercadoria voltava [...]”.

residências dos filhos durante a estadia, em bairros periféricos, nesse sentido, distantes e de difícil acesso.

Não obstante, esses movimentos, um dentro do espaço rural e o outro para fora do Estado, representam dinâmicas possíveis de deslocamentos, que se perdiam em meio a tantas outras, porque ao examinarmos o relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1960, período em que esse órgão passou a incluir a mobilidade populacional em sua pesquisa, não apenas entre regiões brasileiras, porém, entre estados e municípios, ficou mais evidente que a migração interna no Brasil não era um acontecimento intrínseco das zonas rurais às zonas urbanas, menos de regiões pobres às regiões ricas. É razoável afirmar com Paiva (2007, p. 12), que se trata de um fenômeno “de longa duração” e inerente à “humanização do homem”.

O Censo Demográfico de 1960 do Ceará, para situarmos apenas nesse Estado, mostrou uma mobilidade humana entre municípios de forma a deixar mais claro que havia movimento migratório de zona urbana a zona urbana, de zona urbana a zona rural, de zona rural a zona urbana e de zona rural para zona rural, independentemente de qual área oferecia mais ou menos empregos ou possibilidades de ascensão social, questões estas levantadas por estudiosos do fenômeno migratório como motivadoras da migração de trabalhadores rurais para os centros urbanos. No entanto, considerando o relatório censitário, é possível concluir que a mobilidade demográfica não conservava uma agenda específica, nem fixa, e nem natural ou óbvia. O que não quer dizer que essa população se demorasse aonde chegava.

Para refletirmos melhor a esse respeito, não recorreremos aos balanços do recenseamento desse órgão governamental, contudo, aos arquivos de ingressos e egressos de uma escola de primeiro grau (5ª a 8ª série), fundada na década de 1970 em Sobral⁷. E isso foi importante porque observamos, por exemplo, pais com filhos nascidos, ou pelo menos registrados em municípios diferentes dessa mesma região do Ceará, ou de outros Estados brasileiros, quando é possível que entre um filho e outro a família estivesse em trânsito, ou emigrando.

Deparamo-nos com casos como o de uma estudante que nasceu na povoação de Juré, situada em Cariré Ceará em 1961⁸, que emigrou para Rio de Janeiro, residindo lá por alguns anos, quando retornou para o Ceará, mas para outro município dessa área, Reriutaba, indo

⁷Escola de 1º Grau Ministro Jarbas Passarinho inaugurada em 1975, quando é importante sublinhar que algumas pastas de alunos estavam incompletas, faltavam anexos ou informações nas fichas de matrículas, ou algumas anotações estavam a lápis, o que pelo tempo de uso dificultou a leitura.

⁸Ficha 588 de 1975; nasceu em Juré – Cariré – Ceará, na declaração de matrícula da escola onde estudou em Araras (Reriutaba – Ceará), constava a escola anterior situada na cidade de Rio de Janeiro.

residir em Araras (distrito), e posteriormente mudou-se para Sobral, isso num período de 14 anos entre seu nascimento, e a matrícula na escola em Sobral no ano de 1975.

Outro exemplo é o de um estudante que nasceu em Meruoca Ceará em 1957⁹, emigrou para Parnaíba Piauí, fixando-se lá por um tempo, regressando para o Ceará quando veio estabelecer-se em Sobral pelo menos temporariamente, matriculando-se em 1977 no oitavo ano. Passando-se aí vinte anos. Outro caso eloquente é o de uma estudante que nasceu também em Meruoca, emigrou para Fortaleza (capital) e de lá, mudou-se para Sobral, entre 1958¹⁰, seu nascimento, e 1975, seu ingresso à escola.

Poderíamos citar diversas outras situações que reverberam essa mobilidade de pessoas partindo e de pessoas retornando. Porquanto, algumas Declarações (não todas), solicitadas pelos pais ou pelos próprios estudantes, explicavam a saída do estudante, e quando isso acontecia constava ou “por motivo de trabalho dos pais”, ou por “motivo de trabalho”, sendo que neste último caso tratava-se do próprio estudante.

Além das Declarações de ingresso ou de afastamento de escolas dos estudantes, o arquivo compreende dados menos específicos, entretanto, mais pessoais e fecundos de informações como cópias de Registro de Nascimento, Certificado Militar, Certidão de Casamento, (quando vimos estudantes de um município e cônjuges de outro), Carteira Profissional, Título de Eleitor, Registro Geral, Atestado de Pobreza, Atestado de Vacina e fotografias três por quatro. Fica um tanto manifesto que boa parte dizia respeito a um grupo mais velho de alunos, uma vez que a faixa etária era bem maior que a aceita atualmente para o ensino básico.

A análise deste corpo instrucional nos ajudou a compreender também esse movimento difuso dessa população migrante, porque além do que já salientamos; o conjunto de informações de um mesmo estudante já maior de 18 anos ou adulto; apresentava registros de lugares variados, sugerindo, portanto, uma circulação transitória tanto por municípios dessa região como de outros Estados do Brasil, quer só, quer acompanhado da família.

Quanto aos motivos, embora um estudioso do fenômeno migratório como Sayad (1998), conteste de forma veemente a consonância inflexível entre trabalho e migração, ainda que o contexto estudado por ele seja outro, é preciso esclarecermos que essa possibilidade está presente tanto nas narrativas, como nos registros escolares. Evidente que nem todos os

⁹Ficha 317 de 15 fev. 1977 8ª série noite, nasceu no Sítio São Rafael Meruoca – Ceará com declarações de escolas de ingresso e egresso em Parnaíba- Piauí.

¹⁰Ficha 553 de 29 jan. 1975, 7º ano noturno. Nasceu em Meruoca – Ceará, com declarações de ingresso e egressão.

entrevistados justificaram sua mobilidade por desempregos ou insatisfação no campo do trabalho.

Podemos destacar igualmente as secas (englobando aí várias circunstâncias), assuntos familiares, ou para estudar ou colocar os filhos na escola. Entretanto, ainda é plausível pensar que algumas dessas situações se somassem no cotidiano dos agricultores, tornando suas vidas em algum momento impossíveis e provocando deslocamentos. E esta explicação; não escutamos nem certamente vamos escutar de algum migrante. Importante dizer que Sr. Matias, como veremos, foi um dos que sublinhou em sua fala as formas de exploração do trabalho na agricultura e na cidade, e suas tentativas de superação, o que compreendeu a migração.

Desse modo, independentemente das circunstâncias que desencadearam os deslocamentos, parece obvio que esse movimento prolixo que observamos na escola e no órgão censitário, e mesmo nas narrativas, seja representativo de estágios de populações insatisfeitas, e uma vez não dando certo em um lugar, fosse urbano, fosse rural, buscavam alternativas dentro dessa zona de interesse, o Sertão Norte do Ceará, ou mesmo em outros Estados, como vimos. Contudo, a mobilidade contava com imprevistos da vida cotidiana.

Isso porque uma das senhoras que inquirimos passou alguns anos em Parnaíba Piauí, pois um de seus irmãos que emigrara para lá a solicitou para ajudar a cuidar de uma sobrinha acometida de enfermidade grave. Como o problema se agravava e meses tornaram-se anos, sua mãe viúva, sua irmã solteira, e um irmão também viúvo com três filhos com quem ela morava seguiram atrás dela. Porém quando as coisas ficaram mais tranquilas regressaram, apesar da insistência de seu irmão que permanecessem em Piauí, das crianças estarem estudando e os adultos trabalhando.

Segundo ela, sua mãe sentia saudades do Ceará onde estavam seus parentes, e não queria retomar o processo que havia realizado na vinda para Sobral em 1958, de vender sua “*casinha*” adquirida nessa cidade “com tanto sacrifício”, após a venda de seus poucos bens no sertão, e assim, refazer seu itinerário em Piauí (Informação verbal)¹¹.

¹¹Informações fornecidas por Maria das Graças Aguiar Silva. Entrevista 3 gravada em audiovisual (ago. 2014). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2014. 1 arquivo gravado posteriormente em DVD-R (60m), (um para a pesquisa, outro à informante), transcrição manuscrita. (arquivo da autora). Gracinha tem 65 anos e também emigrou na seca de 1958 com a mãe viúva e uma irmã. Os irmãos mais velhos já haviam emigrado para Sobral e Parnaíba – Piauí.

Nesse sentido, são muitas variáveis que se somam para compreendermos essa “cultura”¹² migrante, porque é relevante que entrevistamos agricultores que antes de emigrarem para Sobral, ou mesmo, durante o tempo de moradia nessa urbe, arriscaram-se pelos Estados do Piauí, Maranhão, Alagoas, por Brasília, Rio de Janeiro, além de terem ensaiado colocar-se em outras cidades do Ceará, distantes da área contígua a Sobral como Fortaleza. Entretanto, apesar dessa mobilidade dentro e fora do Estado, essa cidade emergiu como uma opção que deu certo, porque permaneceu mantendo um índice elevado de população se cotejada às cidades vizinhas, como é possível observar no Recenseamento Demográfico de 2010¹³.

E as explicações podem ser encontradas nas oportunidades de emprego¹⁴, mas não menos no âmbito da moradia, (próximo ao Rio Acaraú que nas décadas de 1950 e parte de 1960 abastecia de água diretamente a população da cidade, mesmo nos períodos estios), ou pela escolarização, para quem residia em áreas de difícil acesso à escola pública, temas estes ressaltados pelos entrevistados.

As Pelejas: “onde é sua terra?”

Vejamos o Sr. Matias:

[...] Nós *cheguemo* aqui só nós dois *mermo* e a família, *cinco filho!* Nós *viemo*, *fiquemo* aqui no meio dos *estranho!* Eu trabalhava na agricultura né? *Plantano* milho, algodão, feijão, mamona! [...] Era agregado, **nós era morador!** [...] **Não, salário num tinha não, nosso salário era o que a gente fazia né?** [...] **Terra? Terra tem, que plantava!, num tinha salário,** não, que naquela época não sabia o que era empregado né? Trabalhava por conta própria [...] Saí pra Fortaleza, passei uns mês por lá, passei *dez mês* em Pentecoste! [Ceará] [...] Trabalhava na

¹²Pensamos na noção defendida por Thompson: “A cultura plebeia [...] não se autodefinia, nem era independente de influências externas”, ao contrário situava-se “dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência.” (THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 17).

¹³ Alguns municípios da região e as populações totais: Acaraú 57.551/ Alcântaras 10.771 / Camocim 60.158/ Cariré 18.347 / Coreau 21.954/ Frecheirinha 12.991 / Graça 15.049/ Groaíras 10.228 / Ipu 40.296/ Itapipoca 116.065 / Martinópolis 10.214 / Massapê 35.191 / Meruoca 13.693 / Mucambo 14.102 / Reriutaba 19.455 / Santa Quitéria 42.763 / Santana do Acaraú 29.946 / Tianguá 68.892 / Sobral 188.233. (INSTITUTO Brasileiro ... *XII Recenseamento Geral do Brasil: Sinopse do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro, RJ, 2011, p. 127-130).

¹⁴ “[...] Pelo menos seis indústrias novas serão instaladas em Sobral, dentro do programa universitário de desenvolvimento industrial que é a extensão ampliada do Projeto Asimow. Estão em fase de estudo o projeto a LASSA (laticínio Sobralense S/A), o COSMAC (Companhia Sobralense de Materiais de Construção), a ISOPASA (Indústria Sobralense de Calçados S/A), uma indústria de pescado e subprodutos, uma indústria de cal e tintas à base d’ água e uma indústria de artefatos de Couro [...]. Por outro lado, na região centro – sul, a partir de Iguatú, com a POLITEX, várias indústrias estão começando a entrar em funcionamento, tôdas elas programadas pelo Plano Asimow [...]”. (EDITORIAL... *Correio da Semana*. Sobral, 10 jul. 1965, p. 1).

agricultura, **aí fui pra Fortaleza, mas não tinha estudo como ainda hoje não tenho**, fui, isso, no 56, [...] fui mas quando cheguei lá, não gostei porque *num* tinha, **achei muita gente boa, que me ajudou, mas *num* tinha estudo!** Aí pra me empregar, pra trabalhar no pesado? Voltei pra ajudar, trabalhar mais o meu pai [...]. Aí me apresentei ao Exército, mas *num* tive, porque *num* quis, *num* quis *mermo*, me abusei lá, *quis vim embora*. Aí fiquei *bolano* por aqui. [...] Aí certo *que'u* bolei, bolei, aí foi quando eu me casei, em 57, aí [...] voltei de novo pro *mermo* lugar [...] passei *oito ano* ainda lá, casado, aí vim pra cá [...]. Eu vim assim, **eu vim, atrás de emprego, na Fábrica de Cimento!**¹⁵ Lá, um doutor lá *diche*, venha daqui a *dois mês*! Eu vim em maio! Venha com dois mês que depois eu lhe emprego, e eu nem vim! Aí quando eu vim em setembro, aí encontrei um rapaz que vinha no trem mais eu, que *diche*: **'bora Manuel me acompanhar no pé da Serra?** [aponta para Meruoca]. Lá tem muito algodão, vamos apanhar lá? Eu vim e fui! Aí o *véi* me deu uma morada, aí eu fiquei lá, aí eu fiquei, *num* fui mais atrás do emprego, lá fiquei, [...] Fiquei na Agricultura, agricultura de novo sabe! [...] na Meruoca [...], Sítio Santa Culara, Santa Culara [...] ficava no pé da Serra. [...] Bom, aí eu passei *três ano* aí vim embora, no 70! Pra Sobral! [...] **Porque *num* dava pra gente ficar, o patrão era, era, *num* me dava com ele não viu?** Aí deixei lá [...]. **Ele chamava minha terra né? Eu me invoquei um dia e *diche*: - onde é sua terra?** Ele *diche*: - vai pra terra de quem? - Pra terra de Deus! Deus *num* deu nada a ninguém, graças a Deus! **Eu *diche* numa hora boa! *Num* vou ser mais empregado de ninguém, ou!, morador de ninguém!** Trabalhei de empregado né? Mas do 70 pra cá [...] não na agricultura, *plantano* né? [...] Ele, **ele vivia lá por pirraça, e eu tinha a família pra, pra sustentar!** *Num* tinha condições né? [...], mas ele *num* deixava a gente *prantar*, ele queria tudo pra ele, aí um dia, me invoquei graças a Deus, *num* me arrependi não!, deixei lá! E *viemo*, *tamo* aqui graças a Deus! Arrumei essa casa aí [aponta para os fundos onde mora uma filha], eu, trabalhei na Empresa do SAAE,¹⁶ trabalhei na INT¹⁷ construindo estrada, *inté* em Jaguaribe andei sabe? **Aí voltei, aí esvaneci!** Em 50, [reflete] em 74, entrei na **Moageira**¹⁸ *inté* 2000 [...] *inté* me aposentar! Aí pronto! Aí também *num* fui morador mais de ninguém, e nem empregado de ninguém [...]. Pronto, trabalhei mais não! [...] pra me chegar no ponto que *tô* hoje, aqui? Foi um sofrimento! [...] foi fácil não! [...] é, um milagre viu? Isso aqui, eu *num* comprei essa casa aqui, nem fiz não, foi um milagre de Deus! Sabe! Porque o ordenado *num* dava né? Aí eu! *Diche*, pedi pra me aposentar, Deus me deu, me deu pra eu me aposentar, me deu essa morada aqui, criei a família todinha graças a ele, eu e a D. Maria [...] mas meu plano era vir pra Sobral *mermo* [...]. Eu vim de lá [de Itaipoca], pra ficar em Sobral, mas daqui *fumo*, *fumo*, experimentar acolá né? Mas meu plano era Sobral né? [...] ***Pelejo, pelejo, inté ver, sabe!*** [...]. **Eu *num* estudei não viu, nem eu nem D. Maria, mas, de lá pra cá, *vamo lutano*.** Eu, eu *tô* vendo, pelo menos eu *tô* vendo o futuro né? *Os outro* lá, *num* tinha futuro, **lá onde eu tava, *num* tinha futuro, sabe por quê? Porque lá, nem aula tinha!** [...]. (Informação verbal, grifos nossos).¹⁹

Trouxemos essa parte fascinante da narrativa desse migrante, para dar conhecimento melhor de sua trajetória, de suas pelejas, de suas recordações e percepções, das escolhas que precisou realizar nos seus estágios pelo mundo, quando conjugaremos esse trecho com alguma passagem de sua entrevista não citada, porque seu relato não obedece a uma ordem

¹⁵Companhia Cearense de Cimento Portland, mais conhecida como fábrica de cimento, inaugurada em 1968, uma das indústrias que recebeu financiamento da SUDENE na época.

¹⁶Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE).

¹⁷Instituto Nacional de Transporte Terrestre (INTT).

¹⁸Moageira Serra Grande LTDA produtora de café e similares, fundada em 1961, entre o conjunto de fábricas que foi criado no período, e que sofreu reajuste com os incentivos governamentais.

¹⁹SANTOS, Manuel. *Ibid.*, 2013.

linear. Ele nasceu na povoação de Assunção, município de Itapipoca – Ceará em 1934, portanto, tem 81 anos.

Esse aposentado sente muito orgulho de suas conquistas, da disposição que teve para enfrentar as dificuldades vivenciadas na cidade de Sobral até supera-las, da luta que travou consigo e com sua esposa para não retornarem à Itapipoca; sobretudo, ao confrontar-se com momentos de desemprego, quando de tudo tentou, inclusive vender “banana e cachaça” no mercado público de Sobral, e em sua residência, o que desagradou D. Maria²⁰, sua esposa, que não aceitava a venda da bebida. Porquanto enfatiza: “pra *me chegar* no ponto que *tô* hoje, aqui? Foi um sofrimento! [...] foi fácil não! [...] é, um milagre viu?” (Informação verbal)²¹.

Se fôssemos compará-lo com a geração de agricultores que entrevistamos na pesquisa já referida do Mestrado, ele poderia compor a segunda geração, a de filhos que se arriscaram na construção de uma vida distinta da que aprenderam desde crianças. Independentemente dessa questão que seria forçoso relacionarmos, esse agricultor abriu o leque de possibilidades fora do espaço agrário onde nascera; até conseguir êxito.

É importante explicar que chegamos a ele, através de nossa participação em atividades com idosos promovidos pela Secretaria de Saúde de Sobral, que tem a finalidade de trabalhar a saúde preventiva. Passamos a participar a convite de agentes de saúde que nos aproximamos com o intuito mesmo, de chegarmos à população idosa da cidade e a possíveis migrantes, o que deu certo. Quando nos foi permitido apresentar o projeto, e aos poucos fomos avizinhandos dos idosos e convidando-nos às suas residências, onde pudemos expor melhor nosso objetivo. O que nos levou a outros migrantes, parentes, cônjuges, amigos e vizinhos dos primeiros.

Sr. Matias nos recebeu com muita atenção em sua residência, porém, precisamos de alguns encontros para que ele pudesse confiar e aceitar relatar suas experiências, como migrante e morador dessa urbe. No entanto, sua esposa foi mais receptiva, e como ela também é migrante, acabamos por entrevista-la primeiro. Quando precisamos esclarecer que não foi nosso objetivo abordar casais, contatamos apenas três no percurso da pesquisa, os demais entrevistados ou eram viúvos, ou separados, ou solteiros, ou somente um era migrante, conseqüentemente, eles nos chegaram por acaso. D. Maria companheira de Sr. Matias foi indicação dele nas idas a sua residência.

²⁰ Informações fornecidas por Maria Soares dos Santos. Entrevistas 1 gravada em audiovisual (ago. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião. Sobral, 2013. 2 arquivos gravados posteriormente em DVD-R (60m), (um para a pesquisa, outro à informante), transcrição manuscrita (arquivo da autora).

²¹ SANTOS, Manuel, 2013, *passim*.

Por conseguinte, essa aposentada nos falou sem reservas sobre suas queixas a respeito da vinda para Sobral, da solidão que sentira, das saudades de sua terra e de seus familiares, das dificuldades enfrentadas sozinha com os filhos enquanto seu esposo viajava a trabalho, da necessidade de trabalhar, de seu emprego como lavadeira de roupas, questão que Sr. Matias nunca aceitou porque para ele mulher deveria dedicar-se ao lar e aos filhos, mesmo diante de temporadas de desemprego e de seu salário minguado, situação que esse migrante ressaltara em sua narrativa. Portanto, mesmo diante dos problemas domésticos ele nunca apoiou sua iniciativa (Informação verbal)²².

Segundo Portelli (2004, p. 300): “Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem,” de futuro? Ou do presente vivido? Ou de ambos? Ficamos nos inquirindo, porque foi interessante perceber como D. Maria demonstrou necessidade de conversar conosco, foi como se ela quisesse antecipar sua versão dos acontecimentos.

Nesse sentido, concordamos com esse estudioso que “enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma sequência linear, cronológica” da trajetória dos narradores, ou de suas experiências, ou de suas memórias, eles “podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer da vida” (PORTELLI, 2004, p. 300). Assim sendo, não podemos esquecer que se trata de um “diálogo”, não podemos desejar cumprir nosso projeto de forma esquematizada até, esquecendo-nos de que o interlocutor ao aceitar a entrevista pode ter igualmente um propósito próprio.

De tal modo, D. Maria a exemplo de Sr. Matias igualmente considerou significativo destacar os desentendimentos do casal, com passagens que Sr. Matias desaprovou, chamando atenção para que ela não expusesse suas intimidades. E a conversa bastante estimulante com esse casal, e em particular com essa senhora, fez-nos refletir sobre uma questão levantada por alguns estudiosos da migração (SAYAD, 1998; MENESES, 2002; SANTANA, 2009; BARTHOLAZZI, 2013), sobre o papel diferenciado dos gêneros nesse acontecimento. De que muitas vezes, a migração não acontecia como opção para as mulheres nem para os filhos, suas responsabilidades se diferenciam, destarte, não eram as mesmas do chefe da família.

Como vimos no relato acima, Matias estagiou em outras cidades do Ceará antes de mudar-se para Sobral, conquanto, sua falta de escolarização e profissionalização o conduziu a ofícios tão sobrecarregados, quanto às atividades na lavoura que já desempenhava, o que o fez

²²SANTOS, Maria, 2013, passim.

desistir e retornar para seu trabalho costumeiro em Itapipoca. Movimento que ele apostou mais de uma vez, até resolver tentar a vida em Sobral: "fui, mas quando cheguei lá, não gostei porque *num* tinha, achei muita gente boa, que me ajudou, mas *num* tinha estudo! [...] Voltei pra ajudar, trabalhar mais o meu pai." (Informação verbal).²³

Esse trecho da narrativa desse senhor manifesta seus ensaios pelo mundo, as decepções sofridas, os combates que assumiu; os enfrentamentos na cidade antes de desistir totalmente do trabalho agrário. Não obstante, é revelador igualmente dos desafios e restrições postas aos camponeses na cidade: "aí fui pra Fortaleza, mas não tinha estudo como ainda hoje não tenho, [...] Aí pra me empregar, pra trabalhar no pesado?" (Informação verbal)²⁴.

E deixa transparecer as circunstâncias vivenciadas no espaço agrário onde vivia Sr. Matias, as formas de dependência do sistema de propriedade privada da terra, as relações de trabalho, de moradia, o trabalho propriamente dito, as formas de empregabilidade, e no que tudo isso resultava na prática: "Não, salário *num* tinha não, nosso salário era o que a gente fazia né? [...] Terra? Terra tem, que plantava!, *num* tinha salário, não, que naquela época não sabia o que era empregado né?" (Informação Verbal)²⁵.

E ainda reverbera a situação paradoxal com a qual lidava esse agricultor. Porque é interessante perceber que onde ele morava, na terra onde era "agregado" ou "morador", ele tinha trabalho, porém, não tinha emprego, e não tinha emprego porque não tinha salário. E essa compreensão da realidade vivida, recordada e avaliada a luz do presente, que externa as pretensões e tensões do passado, seu constrangimento com a situação de trabalhador sem salário e sem perspectiva, e sua luta fora do espaço agrário para conquistar um emprego razoável. E por outro lado, suas desistências, porque na cidade confrontara-se com outros problemas tão dispendiosos a sua situação, como o da qualificação profissional ou a falta de "estudo".

Fontes (2008, p. 61-68), que estudou a migração de trabalhadores rurais nordestinos para São Paulo entre os anos de 1945 e 1966, em busca de empregos na indústria paulista; percebeu grosso modo que, quanto menos experiência apresentavam os migrantes com trabalho assalariado; mais expostos estavam às ocupações menos qualificadas ou "especializadas", ou de não permanecerem empregados quando havia "cortes" no setor industrial de um modo geral.

²³ SANTOS, Manuel, *Ibid.*, 2013.

²⁴ SANTOS, Manuel, 2013, *passim*.

²⁵ SANTOS, Manuel, *ibid.*, 2013.

E mais probabilidades por assim dizer, de eles sucumbiam a ofícios menos exigentes como a construção civil, em particular, como serventes de obras. Isso no concerne aos homens, porque no que dizia respeito às mulheres, o ingresso na indústria especializada mais complexa no período em estudo era ainda mais limitado, isto porque as funções eram consideradas “tradicionalmente masculinas”. Importante assinalar que não vamos nos aprofundar nessa questão neste momento, porém, gostaríamos de deixar registrado que “para as mulheres”; segundo Fontes (2008, p. 66), “as opções do mercado de trabalho eram bem mais restritas”, no campo do trabalho industrial é bom acentuarmos, questão que também observamos na abordagem às migrantes que encontramos.

Não obstante, outra situação analisada por esse estudioso, percebida entre as “dificuldades intrínsecas a um mercado de trabalho que passava por intensas transformações”, diz respeito ao “preconceito e exclusão”. Ele assinalou que “a migração foi um processo contraditório e que, muitas vezes, despertou e exacerbou preconceitos e profundas divergências”, quando “Uma série de adjetivações e estereótipos a respeito dos trabalhadores migrantes nordestinos foi reiterada e forjada ao longo desse período”, (FONTES, 2008, p. 66; 68; 72), somando-se a outras proposições contraproducentes vindas não apenas dos empregadores, mas da imprensa e da sociedade paulistana, quando procuravam deixar evidente que os nordestinos não eram bem-vindos, mesmo para assumir postos de trabalho disponíveis.

Como estamos refletindo sobre as experiências e deslocamentos ocorridos dentro do Estado do Ceará; que compreendem, sobretudo, a região norte desse território, não podemos afirmar que os migrantes sofreram esse tipo de discriminação, embora tenham convivido com outras situações constrangedoras e preconceituosas, percebidas em discursos representativos dos estratos dominantes como veremos. Entretanto, Fortaleza procurada por Matias, e Sobral; resguardadas as proporções, são cidades que passaram por um processo intenso de industrialização, nomeadamente entre 1960 e 1980 com as políticas desenvolvimentistas, o que dá um capítulo a parte.

Nesse sentido, a qualificação profissional, ou o “estudo”, ressaltado por esse migrante, ganhou lugar comum nos discursos dos entrevistados, portanto, não somente desse aposentado. Por ora, é importante observar que as experiências traumáticas vivenciadas por Matias nas cidades por onde tentou se empregar, fizeram-no retroceder ao ponto de partida, seu trabalho na lavoura, e a entender conseqüentemente, que não tinha futuro onde morava; como vimos em sua narrativa.

Santana, (2009), outro autor que estudou a migração campo – cidade no Brasil; percebeu que os camponeses apresentavam um olhar idealizado a respeito da “cidade pretendida”, para além da superação das dificuldades primeiras como encontrar um emprego satisfatório. Para ele, essas representações estimulavam o deslocamento, entretanto, o desejo do camponês de emigrar para um grande centro urbano, no caso dele (Salvador-Bahia), estaria igualmente ligado a “incorporação do preconceito que menosprezava as culturas produzidas por trabalhadores rurais”. Aí residiria a maior parte do desejo de promoção social que se fazia tão presente nas “visões da cidade”, trazidas por seus entrevistados, ou seja, o desejo de “conseguir ser gente”, de “realizar a vida”, “de crescer” ou de “subir na vida”, seria inerente a essa ideia (SANTANA, 2009, p. 187-194).

É uma conclusão interessante, nada desprezível, desviante até, por nos levar a outras possibilidades concernentes aos problemas vividos no campo pelos agricultores, e a necessidade de superação desses problemas com a migração: “Eu, eu tô vendo, pelo menos eu tô vendo o futuro né? Os *outro* lá, *num* tinha futuro, lá onde eu tava, *num* tinha futuro, sabe por quê? Porque lá, nem aula tinha!”. Assim sendo, como os migrantes entrevistados por Santana (2009), Matias não via futuro em permanecer morando no sertão. Não obstante, não podemos esquecer que se trata de uma interpretação desse migrante de suas experiências pretéritas, contudo, conjugadas ao presente vivido. (informação verbal)²⁶.

Porque a cidade de Sobral hoje representa uma experiência exitosa, ele pode afirmar que onde estava não tinha futuro, considerando que o futuro desejado, que conforme seu relato poderia ter sido em Sobral ou noutro lugar, agora é realidade. Pois não podemos esquecer que esse aposentado quando vinha tentar um emprego em Sobral, aceitou um convite para trabalhar na lavoura noutro município, a despeito de sua arguição: “mas meu plano era vir pra Sobral mermo [...]. Eu vim de lá [de Itapipoca], pra ficar em Sobral, mas daqui *fumo*, *fumo*, experimentar *acolá* né? Mas meu plano era Sobral né?” (informação verbal)²⁷.

Portanto, no caso específico desse agricultor, não dá para afirmar com certeza que ele incorporou algum preconceito no atinente a sua experiência de trabalho no campo, anterior a sua vinda para Sobral, que, por conseguinte, teria contribuído com sua decisão de buscar alternativa na cidade. Acreditamos que a ideia de deixar o campo reside mesmo nas dificuldades de convivência com o sistema de propriedade privada da terra, como vimos em sua narrativa, levando-nos a pensar quem sabe apressadamente que, se as circunstâncias do

²⁶SANTOS, Manuel, *ibid.*, 2013.

²⁷Idem, *ibid.*, 2013.

viver no campo fossem outras, ele não teria emigrado para Sobral, e até, nem teria se arriscado em outras cidades anteriormente.

“Porque *num* dava pra gente ficar, o patrão era, era, *num* me dava com ele não viu? Aí deixei lá [...]. Ele chamava minha terra né? Eu me invoquei um dia e *diche*: - onde é sua terra? Ele *diche*: - vai pra terra de quem? - Pra terra de Deus!”. Esta fala de Matias é muito simbólica e traduz os embates vividos, assim como justifica ele ter se “invocado” e se cansado de sua vida em terras alheias. Possibilita compreendermos como os agricultores confrontavam a dominação e a dependência ao sistema agrário, como controvertiam a desigualdade: “eu *diche* numa hora boa! *Num* vou ser mais empregado de ninguém, ou! Morador de ninguém!”. (Informação verbal)²⁸.

Aí Esvaneci

Fica de certa forma evidente com essa questão explicitada no relato desse aposentado, que a convivência entre proprietários e moradores sem terra nessa área da região do Sertão Norte do Estado do Ceará, era menos pacífica do que aparentava, e esta afirmação pode soar redundante. No entanto, é relevante o fato de ele trazer à luz de suas recordações, as circunstâncias e diálogos possíveis entre os agricultores sem terra e os patrões.

Thompson (1998, p. 62) concluiu em relação à cultura que se construiu entre “Patrícios e Plebeus” na Inglaterra pré-industrial, (mais precisamente no século XVIII), que “não era certamente revolucionária, nem sequer uma cultura proto-revolucionária, (no sentido de fomentar objetivos ulteriores que questionassem a ordem social). Contudo, tampouco se deve descrevê-la como uma cultura deferente”.

A situação é outra, está claro, todavia, acreditamos poder concluir que a experiência de trabalho e moradia de agricultores como Matias, que a forma como eles conduziam suas práticas de permanência e de desistência no “campo de luta”, também não era “deferente”. Na relação cotidiana com os patrões proprietários, ao modo deles, eles provocavam instabilidade e arquitetavam alteração na conjuntura. “Ele, ele vivia lá por pirraça, e eu tinha a família *pra, pra* sustentar! [...], mas ele *num* deixava a gente *prantar*, ele queria tudo pra ele, aí um dia, me invoquei graças a Deus, *num* me arrependi não!, deixei lá! E *viemo, tamo* aqui” (informação verbal)²⁹.

²⁸Ibid. 2013.

²⁹SANTOS, Manuel, *ibid.*, 2013.

Não estamos querendo dizer com isso que havia consciência da dominação existente, ao ponto de ele construir um discurso a respeito e propaga-lo. É possível que a discussão de Matias com o patrão nunca tenha existido e diante das vivências e acúmulos posteriores, é que ele tenha refletido sobre o nível de exploração que vivera. Ou por outra, pode ter havido conflitos até maiores não relatados, porque almejar a terra de outrem era coisa que os moradores pobres do sertão não se permitiam fazer abertamente.

Conquanto, a maneira de viver desse agricultor, sua luta, sua persistência, evidencia sim um sentimento de insatisfação associado à disposição incansável, para superar sua situação de risco. Não a nível coletivo, de luta de classe, mas no plano individual, quando é relevante o fato de ele se colocar limites na relação, e desse modo, circunscrever também os excessos do patrão. Como fica claro nessa passagem de sua fala, porque Matias assinala a compreensão de que precisava da terra para plantar e o patrão não.

Os problemas agrários dessa região podem ser observados também nos informes e artigos do Semanário Correio da Semana, fundado em 1918 e dirigido pela Diocese de Sobral. Esse jornal era espaço de debates convenientes dos segmentos proprietários, representantes políticos e setores da Igreja Católica, que apresentavam suas defesas em torno dos problemas urbanos e rurais da região, inventariando-os conforme seus interesses e perspectivas. Podemos dizer com Williams (2011), que o periódico era espaço de persuasão e propaganda dos grupos dirigentes e letrados.

Embora que na primeira metade dos anos de 1960, houvesse também quem advogasse a reforma agrária como única solução para os problemas vivenciados pelo homem do campo. Isto foi o que pudemos ressaltar da coluna assinada pelo Centro de Treinamento de Sobral (CETRESO), órgão da Diocese de Sobral que se incumbia do debate político em favor dos camponeses, de “despertar os trabalhadores” de seus direitos de organização política como sindicalismo, cooperativismo, e de reivindicar uma porção de terra que garantisse seu sustento familiar. Quando vale indagar: será que esse debate chegou aos ouvidos de camponeses como Matias e influenciou discussões como a que ele nos apresentou?

Vejamos:

[...] Quando Deus criou o mundo entregou-o ao homem e disse que tudo pertencia a todos e não apenas a alguns. Este problema é que fez o camponês improdutivo, inerte e faminto. Contudo, para isto só existe uma solução: a reforma agrária. Ela

virá melhorar a vida do camponês, dando-lhe um pedaço de terra para êle plantar e viver com sua família. [...]. (MELO, 1965, p. 5)³⁰.

Essa perspectiva levada ao Semanário por esse órgão da Diocese de Sobral, com o fim de chegar não apenas ao trabalhador sem posses, porém, aos patrões com questões como: “Este problema é que faz o camponês improdutivo, inerte e faminto”, merece outro estudo. Não dá para saber sem especificarmos a investigação, quão essas práticas ganharam força e reverberaram pelo sertão, apenas com as recordações de Matias ou mesmo de outros migrantes, porque outras ações e possibilidades podem ser adicionadas como o Movimento de Educação de Base (MEB)³¹ e o Dia do Senhor³². Ambos sob a coordenação de setores da Igreja Católica.

Não obstante, são indícios que se somam e que podem ter coadunado com a argumentação mais que astuta desse migrante, e provavelmente com a ação de outros trabalhadores sem terra. Por outro lado, as reações dos proprietários ganhavam visibilidade no periódico de forma quase concomitante.

Os pronunciamentos contrários podiam ser lidos logo em seguida, em defesa não apenas da manutenção do *status quo* dos proprietários, como de sua ampliação, propondo a criação de políticas de incentivos governamentais para o campo³³. Quando isso viria em prol dos fazendeiros, mas tendo como pano de fundo a solução dos problemas dos trabalhadores. Entretanto, trouxemos esse artigo porque contrapõe aberta e objetivamente à proposição do órgão católico exposta acima, embora com ironia:

[...] Fala sempre o CETRESO da necessidade de Reforma Agrária, e, creio, que uma reforma sindicalizada, com métodos adequados, instrutivos, obedientes aos

³⁰ Essa coluna era semanal e quase nunca vinha assinada constando tão-somente como “Coluna do Cetreso”, e os artigos com o título “Despertando para o Campo”. Estava sob a coordenação de Padre Luiz Melo.

²⁹ “O Movimento de Educação de Base (MEB), concebido em acordo firmado em 21 de março de 1961, entre o Governo federal e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tinha por objetivo a alfabetização da população rural, através de aulas radiofônicas, por emissoras católicas, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.” (BEZERRA, V. P. “Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo”: *O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008, p. 01.

2008, p. 1).

³⁰“O MEB e o dia do Senhor, ao fazerem a leitura crítica da realidade social e dos contextos nacional e local, atuaram no sentido de questionar o sistema pós-1964. O programa do MEB passava diariamente pelo crivo da censura: escrevia-se o roteiro para ir ao ar, pela Rádio Educadora, depois de liberado com carimbo da polícia. Havia uma relação de palavras interditas: luta, virava peleja, e não se podia dizer nem mesmo o slogan do programa: ‘salvar o homem do Nordeste é liberta-lo de sua escravidão.’” (Idem, 2008, p. 35).

³³“[...] E enquanto isso, o sertanejo continua a sofrer a miséria, o analfabetismo, a doença e o abandono criando um terceiro problema de real gravidade que é o êxodo a procura de terras propícias. A triste verdade é que precisamos sair do velho sistema de esmolar sementes, mendigar tratores, e perder plantações devoradas pelas pragas [...]” (ARAGÃO, 1967, p. 3-4).

princípios de direitos que assistem, tanto ao dono da propriedade, como aos colonos ou moradores, seja o caminho mais viável para o progresso econômico do País. Mas, parece-me que o assunto em espécie, é ainda bastante problemático, a exigir por um plano de ação metódico e eficiente, moderado – estudo “in loco” pelas autoridades credenciadas, para que conheçam estas, a vida social e psicológica dos agricultores patrões e operários entre si. São êles sempre incompatíveis no que diz respeito a interesses recíprocos... Quer o patrão uma cousa e o morador faz outra, dá êste uma ordem e fica aquele indiferente ao cumprimento da mesma.

Não sei se êsse desajuste, essa falta de mútua compreensão entre o patrão e o operário rural, origina-se da índole indígena, da falta de instrução (que mais reflete no operário) ou se depende do método antiquado e enfadonho de trabalho *roceiro*, ou ainda, pela deficiência de remuneração aos serviços prestados pelos trabalhadores. Há muito a corrigir no sistema de trabalho agrícola em nosso meio; precisamos mudar essa rotina arcaica e improffica do nosso camponês, oferecendo-lhe condições de trabalho condizente com a evolução dos dias atuais, dando instrução, educando-o no cumprimento dos seus deveres, ensinando-o ser mais previdente, mostrando-lhe a obrigação de zelar pelos interesses de outrem, para que os seus sejam zelados, respeitando os direitos alheios, para os seus serem respeitados, fazendo-se solidários entre os seus semelhantes, quer no tempo favorável ou na hora difícil. [...]. (MOURA, 1965, p. 4, grifo e reticências do autor).

É significativo que o autor tentasse argumentar contrariamente à “reforma agrária” proposta pelo CETRESO, admitindo uma conjuntura adversa ao trabalhador, acentuando por sua vez, a “deficiência de remuneração aos serviços prestados”. Apesar de ele elencar uma série de possíveis outras causas das relações entre “agricultores patrões e operários”, sofrerem de indiferença. Consequentemente, corrobora com as questões levantadas por Matias.

Pois como podemos interpretar a questão que retomamos, já citada: “São êles sempre incompatíveis no que diz respeito a interesses recíprocos... Quer o patrão uma cousa e o morador faz outra, dá êste uma ordem e fica aquele indiferente ao cumprimento da mesma”. Tanto o jornalista pode estar utilizando de eufemismo para favorecer a causa patronal, como pode estar apresentando seu testemunho eloquente, do que presenciava ou conhecia das relações entre “operários” e patrões nas propriedades rurais.

Por conseguinte, isto não o isenta de estar persuadindo o leitor, de estar propondo convencer seu interlocutor de que o agricultor tinha o que merecia, ou por outro, não tinha o que não merecia: a terra. Ao situar no trabalhador, na índole difícil e “indígena”, na “falta de instrução para o trabalho” as inobediências, ou as dificuldades de convivência com a desigualdade e exploração da terra e do trabalho, para que no avesso de desejar as terras “alheias”, aprendesse a respeitar os direitos de propriedade dos patrões, esse articulador apresentava uma estratégia implacavelmente adversa ao morador sem terra do sertão, quando ainda expressava preconceito racial.

Noutro sentido, ocorreu-nos diante desse propósito patrimonial, que além do êxodo rural, e da vitimização dos pobres proprietários acossados pela condescendência do órgão religioso e pelos “operários”, tidos como obtusos e incompreensíveis, da ausência de políticas

de incentivo à produção agrícola; a falta de instrução para o trabalho e em particular, o analfabetismo dos lavradores, estava continuamente inventariado nos artigos, o que devia ressoar na vida dos moradores sem terra de forma imperativa; contribuindo igualmente com a ideia de emigrar para estudar ou para colocar os filhos na escola. Não trouxemos essa passagem da narrativa de Matias, mas é uma de suas justificativas para sua vinda para Sobral.

Conclusão

É importante esclarecer que não recorremos ao Semanário como forma de ratificar a narrativa de Matias (FERREIRA, 1994, p. 10), mas como forma de conhecer melhor os contextos possíveis que emergiram nas vivências desse migrante e de outros que abordamos. Portanto, para refletir sobre os discursos dos setores letrados em torno da questão agrária no período. E como a pesquisa compreende dos anos de 1950 a 1980, trouxemos esses destaques do periódico quase que de modo ilustrativo, embora não tenha sido esse o objetivo.

Nossa finalidade foi analisar o contexto em que estava inserida a população do campo que incluía, conseqüentemente, o segmento de proprietários e representantes outros letrados. Propusemo-nos saber, o que esses setores defendiam e como percebiam os trabalhadores do campo e sua cultura. E foi importante porque o periódico estava a serviço dos patrões e seus interesses; não podemos negar, mas reservava espaço para conjecturas ambíguas como a do Centro de Treinamento a favor do trabalhador.

Quanto à experiência migratória de Sr. Matias, foi relevante observarmos a “visão a partir de baixo” como defendeu Thompson (1998, p. 30), de sua caminhada, de sua peleja para conquistar um espaço na cidade, mas por outro, foi relevante observamos que sua luta não foi menor no campo. Podemos depois de tudo arriscar dizer, que se não fosse à situação adversa, a falta de trabalho remunerado, a dependência da terra, os conflitos insolúveis com os patrões, ele teria permanecido no campo. Não dá para afirmar porque na continuação de sua narrativa, ele alega outros problemas e necessidades como educar formalmente os filhos.

Referências

ADRIÃO, M. A.V. *Memórias do Sertão: a migração sertaneja entre imagens e discursos literários*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

ARAGÃO, P. “Vou te Contar”. *Correio da Semana*. Sobral, 22 jul. 1967, ano 50, n. 17, p. 3-4.

BARBOSA, M. E. J.; (et al.). A Fazenda Caiçara e o Curato de Nossa senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú. In: BARBOSA, M. E. J.; (et al.). *Sobral: Patrimônio Nacional*. Prefeitura Municipal de Sobral, 2000, p. 13-17.

BARTHOLAZZI, R. A. A mulher italiana no mundo dos negócios: do Lazio ao Rio de Janeiro. In: MARTINS, I. de L.; HECKER, A.; (org.). *E/Imigrações: questões, inquietações*. 1ª ed. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2013, p. 293-308.

BEZERRA, V. P. Introdução. In: BEZERRA, V. P. “*Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo*”: *O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008, p. 01-13.

_____, Na conquista da palavra: MEB e o Dia do Senhor. In: BEZERRA, V. P. “*Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo*”: *O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008, p. 15-63.

EDITORIAL “Plano Asimow: Seis Indústrias em Sobral”. *Correio da Semana*. Sobral, 10 jul.1965, ano 48, n. 13, p. 1.

FERREIRA, M. de M. Historia Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. de M.; (et al.). *Entre-vistas: abordagens e usos da historia oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 1-13.

FONTES, P. “Mala de papelão e patuá nas costas”: migrações nordestinas nos anos de 1950 em São Paulo. In: FONTES, P. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 41-88.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico de 1960. Ceará. VII Recenseamento Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, 1960, p. 80-82, 92-93, Série Regional, volume I, tomo IV. Disponível em: <Biblioteca. ibge.gov.br/visualização/periódicos/68/cd_1960_v1_t4_ce.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *XII Recenseamento Geral do Brasil: Sinopse do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro, RJ, 2011, p. 127-130. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=231290&idtema=103&search=ceara|sobral|produto-interno-bruto-dos-municipios-2010>>. Acesso em: 11 jul.2013.

MENEZES, M. Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: Um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro, Relume dumará: João Pessoa, PB: EDUFPB, 2002.

- MELO, Pe. L. (Coord.). “Despertando para o Campo”. *Correio da Semana*. Sobral, 12 jun. de 1965. Ano 48, n. 9, p. 5.
- MOURA, B. “Agricultura e Agricultor”. *Correio da Semana*. Sobral, 19 jun. 1965, ano 48, n. 10, p. 4.
- PAIVA, O. da C. ; (org.). Migrações e Nova Fronteira Utópica. In: PAIVA, O. Da Cruz; (Org.). *Migrações Internacionais: desafios para o século XXI*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007, p. 11-27.
- PORTELLI, A. “O Momento da Minha Vida”: Funções do Tempo na História Oral. In: FENELON, D. R.; et al. (Orgs). *Muitas Memórias: Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho D’água, 2004, p. 296-313.
- SAYAD, A. *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SANTANA, C. D’Almeida. Cidades Pretendidas. In: *Linguagens Urbanas, memórias da cidade: vivências e imagens da Salvador de migrantes*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 185-194.
- SANTOS, Manuel M. dos. *Manuel Matias dos Santos*. Entrevistas 1 e 2 gravadas em audiovisual DVD-R 80m (set. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2013.
- SANTOS, Maria S. dos. *Maria Soares dos Santos*. Entrevistas 1 gravada em audiovisual DVD-R 60m (ago. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2013.
- SILVA, M. das G. A. *Maria das Graças Aguiar Silva*. Entrevista 3 gravada em audiovisual DVD-R 60m, (ago. 2014). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2014.
- THOMPSON, E. P. Introdução: costumes e cultura. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-24.
- _____, Patrícios e Plebeus. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, p. 25-85.
- WILLIAMS, R. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo H. Brito. 1ª imp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____, Publicidade: o sistema mágico. In: WILLIAMS, R. *Cultura e Materialismo*. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 231-266.
- VASCONCELOS, J. E. *João Emílio Vasconcelos*. Entrevistas 2 gravada em audiovisual DVD-R 60m (ago. 2013). Entrevistador: Maria Antonia Veiga Adrião, Sobral, 2014.